

FEIRA DE BOLONHA 2014



Brasil é o país homenageado pela segunda vez nos 40 anos de presença da FNLIJ no evento

A 51ª edição da Feira de Bolonha trouxe o Brasil novamente como o país homenageado durante os quatro dias do evento, de 24 a 27 de março de 2014, na Itália.

Em 1995, um ano após a homenagem ser criada, a literatura infantil e juvenil brasileira foi escolhida pela organização da Feira. Nessa ocasião, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil apresentou a candidatura na Feira de Bolonha em 1994, durante uma reunião entre Elizabeth Serra, Francesca Ferrari, a então diretora da feira, Ana Maria Machado e Ziraldo, que criaram o título *Brazil! A bright blend of colours* e o conceito do que veio a ser a exposição dos ilustradores. A programação visual da exposição e do catálogo foi feita por Christiane Mello e Marcelo Ribeiro, tendo como símbolo um pião colorido que representava a mistura brasileira de cores. O catálogo de ilustrações, que reuniu 90 obras de 30 artistas, apresentou textos de Laura Sandroni, Maria Antonieta Cunha e Regina Yolanda, e foi publicado pela Editora Ática. O convite para a exposição foi uma peça em terceira dimensão, que ao abrir fazia saltar o pião. A FNLIJ contou ainda com verba do Ministério da Cultura e apoio da Ática, Ripasa, Banco BRJ e Fundação Biblioteca Nacional. A exposição *Brazil! A bright blend of colours* resultou em um grande sucesso e atravessou a Europa, indo para Estocolmo, Suécia, e para Quito, no Equador. A partir de então, cada vez mais ilustradores



e escritores brasileiros passaram a incluir a Feira de Bolonha em suas agendas.

O convite para a homenagem de 2014 foi oficializado durante a Feira de Bolonha de 2011, pela diretora Roberta Chinni, que recebeu no último dia uma comissão de brasileiros formada por Amir Piedade (Editora Cortez); Anna Claudia Ramos (AELIJ); Annelizabeth (AEILIJ); Elisabete Kawano (Editora Elementar); Elizabeth Serra (FNLIJ); Gisela Zincone (FNLIJ); José Prado (Editora Rovelle); Karine Pansa (CBL); Marisa Martin (Editora Scipione); Rosinha Campos (Ilustradora); Sergio Alves (Editora Escala Educacional Larousse) e Vanessa Lessa (FBN). Em 2013 o Brasil também recebeu homenagem na Feira de Frankfurt, na Alemanha, assim, o fato repetiu o que ocorreu há quase 20 anos quando, em 1994, foi homenageado na Feira de Frankfurt, e no ano seguinte, na de Bolonha.

A organização brasileira enquanto país homenageado, ficou a cargo da Fundação Biblioteca Nacional, Fundação Nacional do



A abertura oficial da Feira de Bolonha feita por Marta Suplicy, Duccio Campagnoli e autoridades italianas.



Isis Valéria, Ana Maria Machado, Elizabeth Serra, Ruth Rocha e Marina Colasanti.



Roger Mello no estande do IBBY após o anúncio do prêmio Hans Christian Andersen.

Livro Infantil e Juvenil e Câmara Brasileira do Livro. A FNLIJ, que tem representação na Feira de Bolonha desde 1974, foi curadora, ao lado da FBN, da exposição e do catálogo de ilustração apresentados no evento, além de organizar uma programação com os ilustradores, escritores e convidados oficiais durante a feira. Estas atividades fazem parte do compromisso do país homenageado, que é apresentar um panorama de seus mais importantes ilustradores.

A ida dos convidados oficiais da FBN e da FNLIJ teve apoio do Ministério das Relações Exteriores e do Instituto C&A, e a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo imprimiu o catálogo dos ilustradores.

A escritora Ana Maria Machado criou o título da exposição dos ilustradores e catálogo *Brazil: Countless Threads, Countless Tales - Brasil: Incontáveis Linhas, Incontáveis Histórias* e o ilustrador Roger Mello produziu a marca e a identidade visual.

O estande da FNLIJ, de 96m², em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional, foi muito procurado pelo público presente e contou com o apoio e a presença de 15 editoras: Ática/Scipione; Cosac Naify; Dimensão; Editora Biruta; Editora Peirópolis; Editora Rovel; Escala Educacional/Editora Lafonte; FTD; Global Editora; Globo Livros; Grupo Editorial Autêntica; Mercuryo Jovem; Moderna/Salamandra; Rocco e WMF Martins Fontes. O Instituto C&A também apoiou a ida da FNLIJ ao evento.

A decoração do estande apresentou na parte central um enorme pôster com a marca da exposição *Brazil: Countless Threads, Countless Tales* e, ao fundo, um painel lembrando os 40 anos de presença brasileira na Feira. Como acontece todos os anos, foram servidas no estande caipirinhas de limão e castanha de cajú.

A CBL e a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil) reuniram 39 editoras brasileiras em seu estande coletivo, localizado em frente ao da FNLIJ.

Presença brasileira na Feira de Bolonha – FNLIJ comemora 40 anos de participação no evento

Os preparativos da FNLIJ para a Feira de Bolonha foram além da organização da exposição e catálogo como país homenageado. O catálogo *FNLIJ's Selection*, editado em inglês e produzido todos os anos para Feira, teve projeto gráfico do Estúdio Versalete e incluiu uma linha do tempo para registrar os 40 anos de presença

em Bolonha, assinalando momentos e presenças importantes dessa história de notável evolução. A publicação contém 166 títulos de livros: 45 (criança); 12 (jovem); 15 (informativo); 28 (poesia); 08 (imagem); 02 (teatro); 19 (reconto); 07 (teórico) e 30 edições renovadas. A capa é uma ilustração do livro *Histórias de quem conta histórias*, de Ciça Fittipaldi, da editora Cortez. O catálogo *FNLIJ's Selection 2014* encontra-se disponível em versão digital no site oficial da instituição (www.fnlij.org.br).

Um grande painel foi montado no estande, com os principais destaques das quatro décadas, desde os primeiros anos, quando a FNLIJ ocupava espaço cedido pela Feira de Bolonha em estande coletivo da América Latina, com poucas editoras e autores comparando ao evento; até os dias atuais, ao lado da FBN, já com espaço próprio e apresentando uma LIJ de qualidade. Ao longo dos 40 anos, a FNLIJ buscou divulgar junto aos escritores, ilustradores e especialistas, a importância da Feira de Bolonha como vitrine internacional da LIJ brasileira e não apenas uma feira para compra de títulos estrangeiros. O desafio continua e o trabalho pela divulgação da nossa LIJ se mantém ano a ano. A FNLIJ inicia agora uma nova década na Feira de Bolonha e o projeto é comemorar 50 anos com uma presença forte no evento e ter cada vez mais autores brasileiros publicados no mercado internacional.

Primeiro dia do Brasil na Feira de Bolonha como país homenageado

Encontro com a Ministra | A programação do dia 24 de março foi marcada por momentos de muita emoção para os participantes brasileiros, que viram realizado o projeto da participação do Brasil em Bolonha como grande homenageado. A Ministra da Cultura, Marta Suplicy, esteve presente no dia da abertura da feira, e antes dos eventos programados, fez questão de se reunir com escritores e ilustradores brasileiros.

Abertura | O presidente da Feira de Bolonha, Duccio Campagnoli, e outras autoridades italianas, estavam ao lado da ministra Marta Suplicy para cortar a fita representando o início da Feira de Bolonha. O Ministro do Ministério das Relações Exteriores, George Firmeza, o Presidente da Biblioteca Nacional, Renato Lessa, a Presidente da Câmara Brasileira do Livro, Karine Pansa, e representando a FNLIJ, a Presidente do Conselho Isis Valéria e

a Secretária Geral, Elizabeth Serra também marcaram presença.

Após a cerimônia de abertura, a exposição *Brazil: Countless Threads*, *Countless Tales* foi inaugurada e, em seguida, a ministra Marta participou da conferência “Um país de livros para jovens leitores”, onde falou sobre as Políticas Culturais do Ministério e as ações de fomento à leitura em andamento. “É a segunda vez que somos o país homenageado nesta feira. No ano passado, também fomos homenageados, pela segunda vez, na Feira do Livro de Frankfurt. Isso mostra que a literatura brasileira, tal qual nosso país como um todo, desperta de forma muito significativa o interesse do mundo”, destacou a ministra, que teve na agenda encontro com a ministra interina da Cultura da Itália, Ilaria Borletti Buittoni, e assinou acordo de parceria com a Universidade de Bolonha para intercâmbio de estudantes da área cultural.

Prêmio HCA - Roger Mello | A grande expectativa de todos os brasileiros na Feira de Bolonha era o anúncio do prêmio Hans Christian Andersen - IBBY, feito a cada dois anos. A apresentação aconteceu ao final da coletiva de imprensa do IBBY e, após a divulgação do vencedor na categoria escritor, a japonesa Nahoko Uehashi, o auditório vibrou ao ouvir o nome de Roger Mello como vencedor na categoria ilustrador. O Prêmio HCA do IBBY, o mais alto reconhecimento internacional concedido à obra de autores de livros de literatura para crianças e jovens, foi conquistado pela terceira vez por brasileiros. A primeira premiação veio para Lygia Bojunga em 1982 e a segunda para Ana Maria Machado, em 2000. Dessa vez, o reconhecimento foi para um ilustrador, categoria ainda não premiada na América Latina. No próximo ano, como é a tradição, Roger Mello irá criar a capa do *Annual 2015*, o catálogo da *Exposição Internacional de Ilustradores da Feira de Bolonha*, que contém todas as obras que serão selecionadas neste ano. Roger também será tema de exposição apresentada no evento. O *Notícias 6* dedicou toda a edição ao anúncio do prêmio HCA e ao dossiê de Roger Mello entregue ao IBBY.

Ao final do dia, uma imensa confraternização uniu o estande da FNLIJ e da CBL para comemorar o anúncio do Prêmio HCA para Roger Mello, em coquetel oferecido pela CBL.

Programação brasileira

A FNLIJ e a FBN organizaram a programação de palestras com especialistas, escritores e ilustradores, que ocuparam espaços de destaque no evento destinados pela Feira ao país homenageado. As mesas apresentadas tiveram tradução simultânea e os temas abordados foram: *Support for Translation and Challenges for the Dissemination of the Brazilian Literature Abroad*, com Afonso Romano de Sant'Anna e Lucia Riff; *Brazil: Countless threads, countless tales*, com Fernando Vilela, Graça Lima, Odilon Moraes, Roger Mello e Ziraldo; *Stories and lines*, com Çiça Fittipaldi, Daniel Munduruku e Maurício Negro; *Picture books narrative* com Angela Lago e Eva Furnari; *Contemporary Brazilian illustrators: diversity in traces and styles*, com André Neves, Nelson Cruz e Odilon Moraes; *The Brazilian non mainstream culture in literature for children and young people* com Ana Maria Machado, Marina Colasanti e Ruth Rocha e *Threads and stories: roots and ancestry* com Fernando Vilela, Jô de Oliveira, Marilda Castanha, Roger Mello e Rui de Oliveira. As mesas tiveram mediação de Elizabeth Serra, da FNLIJ; Volnei Canônica, do Instituto C&A, Verônica Lessa e Moema Salgado, da FBN.

A Universidade de Bolonha também participou da homenagem ao Brasil, recebendo a palestra organizada pela Academia Brasileira de Letras *O futuro se inicia hoje: a literatura infantil no Brasil*. Ana Maria Machado, representando a ABL, apresentou *A literatura infantil brasileira*, Cícero Sandroni falou sobre *História e literatura infantil*, Elizabeth Serra apresentou *Incentivo e expansão da literatura infantil no Brasil*, Laura Sandroni expôs *A ilustração na Literatura infantil* e Renato Lessa, da FBN, *A Biblioteca Nacional, o livro e a leitura no Brasil*. A mesa teve coordenação do professor Roberto Vecchi, do Departamento de Língua, Literatura e Cultura Moderna da Universidade de Bolonha.

No penúltimo dia do evento, aconteceu o jantar por adesão organizado todo ano pela FNLIJ na Osteria De' Poeti, restaurante típico da cozinha bolonhesa. O jantar, que ocorre há mais de 10 anos, é sempre muito concorrido e este ano contou com a presença de 134 pessoas que, em clima de grande confraternização, também comemoram o anúncio do prêmio HCA de Roger Mello.



Mesa *Threads and stories: roots and ancestry*: tradutora, Rui de Oliveira, Jô de Oliveira, Roger Mello, Marilda Castanha, Volnei Canônica e Fernando Vilela.



Renato Lessa, Elizabeth Serra, Marta Suplicy, Isis Valéria e Karine Pansa.

Exposição e catálogo *Brazil: Countless Threads, Countless Tales*

A exposição de ilustradores do país homenageado fica localizada no grande hall de entrada da feira. Para a mostra brasileira foram selecionados 55 ilustradores brasileiros pelos seguintes critérios: originalidade da ilustração; qualidade estética; premiações; diversidade e pluralidade; equilíbrio entre autores consagrados e a nova produção; variedade de gêneros e adequação do tema à faixa etária do leitor.

O design do catálogo foi de Silvia Negreiros. A empresa Arco Produções, de Heloisa Alves, criou o projeto expográfico. Para fazer a consultoria artística da exposição, foram convidados os ilustradores Fernando Vilela, Graça Lima, Mariana Massarani, Odilon Moraes e Roger Mello. A exposição foi, desde sua inauguração, muito procurada pelo público participante da feira.

Ziraldo, que inspira novas gerações de ilustradores de livros infantis, foi o homenageado da exposição, com espaço de destaque que apresentava sua obra, e do catálogo, constando em primeiro lugar, com quatro páginas. “Sou o autor brasileiro homenageado pelos brasileiros. Estou muito feliz por estar aqui e

pelo país tomar conhecimento da importância que nós temos no mundo”, declarou Ziraldo, que criou um mascote para comemorar a presença do Brasil na feira.

O catálogo encontra-se disponível para download no site da FNLIJ: www.fnlij.org.br

Após a Feira, em junho e julho, uma cópia da exposição foi para a Rússia, onde integrou o projeto *Dias do Brasil na Rússia*, da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Moscou e da Biblioteca Central Lermontov, em São Petersburgo, em colaboração com a Embaixada do Brasil na Rússia e com o Ministério da Cultura.

No Brasil, a exposição *Brazil: countless threads, countless tales* foi apresentada na Bienal do Livro de São Paulo, de 22 a 31 de agosto, levada pelo SESC/SP. A partir de outubro até fevereiro de 2015, os cariocas também vão conhecer esse trabalho dedicado à ilustração infantil e juvenil brasileira, na Biblioteca Nacional.

Reproduzimos a seguir o texto apresentando o conceito da exposição, que esteve presente no catálogo e também esteve exposto no painel de abertura.



Brasil: Incontáveis Linhas, Incontáveis Histórias

Uma das características mais significativas do nosso século é a coexistência, pacífica ou não, entre inteligência racional/científica, altamente desenvolvida, e o pensamento mágico que dinamiza o imaginário. (COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas, 2008).

O homem vive em um universo simbólico, que ultrapassa o universo físico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes desse universo; são os variados fios que tecem a rede simbólica, o emaranhado da experiência humana. Todo progresso humano em pensamento e experiência é refinado por essa rede, e a fortalece.

O Brasil guarda em sua memória incontáveis textos que se cruzam numa tessitura cultural caracterizada pela diversidade.

O ilustrador pode ser considerado um agente de construção da visualidade num contexto social, pois através de seu trabalho possibilita o aperfeiçoamento da capacidade de decodificar e criar novos conteúdos.

Na cultura da imagem o ver está para o sentir assim como o olhar está para o pensar e desde que a leitura se tornou mais um ato do olho do que do ouvido, as formas

de representação do texto e da imagem, no suporte impresso, vão sofrendo diversas transformações. O próprio alfabeto, que a princípio era uma notação gráfica, captado pelo olho e não pelo ouvido, representa a fronteira entre o sistema fonético e o sistema visual. Quando lemos imagens, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que era limitado por uma moldura, para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias conferimos a imagem imutável uma vida infinita e inesgotável. (MANGUEL, Alberto. Lendo imagens. São Paulo: Companhia das Letras).

A exposição *Brazil: Countless threads, countless tales*, organizada pela Fundação Biblioteca Nacional com a curadoria da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil apresenta a diversidade de traços e estilos existentes em nossa cultura.

A ilustração brasileira em suas variedades de formas e estilos atesta o forte processo de aculturação pelo qual passamos. Somos ticunas, nambiquaras, mundurucus, portugueses, africanos, italianos, alemães, árabes, japoneses e outros contos e contas que se unem no fio condutor da história. Nossas origens culturais de saberes e sabores ganham novos sentidos e renascemos no ato criativo. Uma das marcas dos ilustradores contemporâneos

brasileiros é a apropriação e ressignificação de formas, símbolos, histórias recriados nos livros ilustrados.

Passemos pela tradição, pelo popular, o poético, o humor, o gráfico e a modernidade, aqui representados numa linha condutora de nossas origens. O pescador e a linha d'água, a linha que borda a história, a linha do tempo traçando o espaço, o tempo que viaja nas linhas da história, a linha aguda que organiza o espaço urbano, a linha do horizonte que pode esconder o sol ou trazer contos de mistério e de bichos, a linha de um rio serpenteando a terra cheia de lendas e um mar de histórias cheio de caminhos que convidam o espectador a nos acompanhar e mergulhar um pouco em nossa cultura.



Ilustradores brasileiros selecionados para a exposição e catálogo

Alcy Linares, Alê Abreu, André Neves, Andrés Sandoval, Angela Lago, Cárcamo, Caulos, Ciça Fitipaldi, Cláudio Martins, Daniel Bueno, Eduardo Albini, Eliardo França, Elizabeth Teixeira, Elma, Eva Furnari, Fernando Vilela, Geraldo Valério, Gilles Eduar, Graça Lima, Grupo Matizes Dumont, Guazzelli, Guto Lacaz, Guto Lins, Helena Alexandrino, Ivan Zigg, Jean-Claude Alphen, Jô Oliveira, Laurabeatriz, Laurent Cardon, Lélis, Luiz Maia, Manu Maltez, Marcelo Cipis, Marcelo Pimentel, Marcelo Xavier, Maria Eugênia, Mariana Massarani, Marilda Castanha, Mauricio Negro, Michele Iacocca, Nelson Cruz, Odilon Moraes, Regina Coeli Rennó, Renato Alarcão, Renato Moriconi, Ricardo Azevedo, Roger Mello, Rogério Borges, Rosinha, Rui De Oliveira, Salmo Dansa, Suppa, Taísa Borges, Walter Lara e Ziraldo.



Em Bolonha, a grande festa do livro brasileiro para crianças e jovens

POR ISIS VALÉRIA, PRESIDENTE DO CONSELHO DIRETOR DA FNLIJ

A presença do Brasil na Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha como país convidado teve um significado muito especial para a FNLIJ. Nossa história com a Feira de Bolonha começou em 1974, quando a FNLIJ recebeu o seu primeiro estande para participar do evento como representante da Seção Brasileira do IBBY. Tratava-se de uma ação especial para promover o intercâmbio de ideias e livros entre as seções do IBBY de diversos países. A Feira de Bolonha articulou um movimento de consolidação da expansão dos livros para as crianças e jovens não só por meio da indústria editorial, mas apoiando o intercâmbio das instituições que visavam a promoção da leitura de qualidade como um direito a cidadania das crianças e dos jovens no mundo.

Desde então, a FNLIJ firmou um espaço para a difusão dos escritores e ilustradores

nacionais, por meio da exposição de uma seleção da produção anual dos livros publicados no Brasil. Tudo começou com um pequeno catálogo, alguns títulos nas prateleiras que durante décadas foram a única divulgação do autor brasileiro no exterior: o *Selection of Brazilian writers, illustrators and publishers*, que em sua 40ª edição tem a capa ilustrada por Ciza Fittipaldi, conta muito bem essa história pioneira.

A Feira de Bolonha é realizada há 51 anos, e nesses quarenta anos da presença da FNLIJ, o Brasil já foi país convidado em 1995 e agora 20 anos depois, a nossa festa foi completa com muitos eventos e comemorações. Uma linda exposição com o trabalho de 55 ilustradores brasileiros e a inauguração solene com a presença do presidente da Feira, Duccio Campagnoli e outras autoridades italianas, e como representantes do Brasil a Ministra da Cultura Marta Suplicy, o Ministro do Ministério das Relações Exteriores, George Firmeza,

o Presidente da Biblioteca Nacional, Renato Lessa e um auditório cheio pessoas de vários países e brasileiros felizes, emocionados por estarem presenciando aquele momento. A meu lado estava nossa querida fundadora Laura Sandroni, dividindo comigo e com a Elizabeth Serra o sentimento de que a causa da difusão do livro e a leitura literária de qualidade para crianças e jovens é hoje compartilhada por muitas pessoas.

Mas o melhor da festa ainda estava por vir. Foi quando a expectativa tomou conta dos brasileiros que estavam na sala à espera que os membros do júri do IBBY divulgassem os vencedores do prêmio Hans Cristian Andersen. Quando o nome de nosso autor e ilustrador Roger Mello foi anunciado como o vencedor da categoria ilustração, gritos de emoção, pulos de alegria, risos e lágrimas tomaram conta do lugar numa comemoração festiva que só nós brasileiros sabemos expressar.



Jô Oliveira, Roger Mello, Sophia Pinheiro, Michelle dos Santos, Rui de Oliveira, Rosinha Campos e Suryara Bernardi no estande FNLIJ/FBN.



Roger Mello celebra o anúncio do prêmio HCA com Elizabeth Serra durante o jantar.



Estande brasileiro FNLIJ/FBN.



Estande brasileiro FNLIJ/FBN.



Elizabeth Serra e Ana Maria Machado à frente do painel homenageando os 40 anos de presença da FNLIJ na Feira de Bolonha.



Escritores e ilustradores na Feira de Bolonha 2014

Alê Abreu, Ana Maria Machado, André Neves, Ângela Lago, Anna Claudia Ramos, Annelizabeth, Bia Hetzel, Cárcamo, Ciça Fittipaldi, Daniel Munduruku, Eliane Pimenta, Elma Fonseca, Eva Furnari, Fernando Vilela, Flávia Cortes, Gilles Eduar, Graça Lima, Guazzelli, Illan Brenman, Ionit Zilberman, Jô Oliveira, José Santos, Lenice Gomes, Luciana Savaget, Marilda Castanha, Marina Colasanti, Maurício de Sousa, Maurício Negro, Nelson Cruz, Nilma Lacerda, Ninfa Parreiras, Odilon Moraes, Paula Furtado, Regina Drummond, Renato Moriconi, Roger Mello, Rosinha, Rui de Oliveira, Ruth Rocha, Sandra Pipa, Stela Barbieri, Sonia Rosa e Ziraldo.

Editoras presentes no estande FNLIJ

Ática | Scipione, Cosac Naify, Dimensão, Editora Biruta, Editora Peirópolis, Editora Rovelte, Escala Educacional | Editora Lafonte, FTD, Global Editora, Globo Livros, Grupo Editorial Autêntica, Mercuryo Jovem, Moderna | Salamandra, Rocco e WMF Martins Fontes.

Equipes de trabalho

FNLIJ | Christiane Mello, Lucilia Soares e Maria Beatriz Serra
Fundação Biblioteca Nacional | Moema Salgado e Verônica Lessa

Arco Arquitetura e Produções | Heloisa Alves e Sérgio Murilo Carvalho da Silva

Apoio | Graça Lima e Roger Mello

O sucesso da presença brasileira na Feira de Bolonha como país homenageado foi resultado de um trabalho coletivo, apoiado no Ministério da Cultura e Ministério das Relações Exteriores, unido a esse conjunto de ilustradores, escritores, editores e especialistas, tornou possível realizar o belo trabalho de divulgação da nossa cultura e literatura infantil e juvenil.

Bolonha 2014 abre espaço para crianças e jovens pela primeira vez

A 51ª edição da Feira de Bolonha reuniu mais de 30 mil ilustradores, escritores, expositores e operadores comerciais de todo o mundo, entre 24 e 27 de março, na cidade de Bolonha, Itália.

A Feira, um evento fechado para o grande público, recebeu pela primeira vez milhares de crianças e jovens que, juntamente com suas famílias, professores e educadores, visitaram o novo espaço “Não conte aos adultos”, uma livraria localizada no Hall 33, dentro da *Semana de Livros e Atividades Culturais para Crianças e Jovens*, e teve entrada especial para os novos visitantes, localizada na lateral externa do pavilhão.

Mais uma vez a Feira de Bolonha provou ser um evento marcante para a LIJ internacional: dos 1.200 expositores presentes, mais de 90% vieram de cerca de 74 países.

A *Exposição Internacional de Ilustradores* ofereceu um amplo panorama das tendências mais inovadoras em ilustração infantil de artistas de todo mundo, selecionados por um júri internacional composto de editores, ilustradores e diretores de museus. Este ano, entre os 3.190 candidatos de 59 países, a exposição contou com obras de 75 ilustradores de 23 países e o júri foi formado por Anna Castagnoli, ilustradora, escritora e crítica (Itália), Kitty Crowther, ilustradora vencedora do prêmio ALMA 2010 (Bélgica), Isabel Minhós, da editora Planeta Tangerina (Portugal) e Errol Van de Werdt, do TextielMuseum de Tilburg (Holanda). As obras escolhidas foram publicadas no catálogo *Annual*, um veículo de referência para editores e ilustradores, consultado durante todo ano. O catálogo é uma publicação bilíngue (italiano e inglês), cuja capa tem criação alternada entre os ganhadores do Grande Prêmio da BIB - Biental de Ilustração de Bratislava e do Hans Christian Andersen. A capa da edição deste ano foi criada por Evelyne Laube e Nina Wehrle, da Suíça, vencedoras do Grande Prêmio da BIB de 2013. No ano que vem, a capa será criada por nosso Roger Mello, ilustrador vencedor do prêmio HCA de 2014.

Livraria para crianças e jovens da Feira de Bolonha

A abertura de um local para o público em geral foi um grande sucesso. O novo espaço “Não conte aos adultos”, no Hall 33, não

funcionava apenas como uma livraria, mas como um local onde aconteceram quase 200 encontros com autores e ilustradores, exposições, conferências, shows, debates e oficinas. O espaço foi organizado pela Giannino Stoppani Libreria per Ragazzi, tradicional livraria de Bolonha, situada no Centro Histórico, ao lado da Piazza Maggiore, dedicada exclusivamente à literatura para crianças e jovens, que sempre participou da Feira de Bolonha organizando inúmeras atividades culturais. Foram mais de 15 mil novos visitantes que tiveram à disposição livros escolhidos a partir da enorme riqueza de publicações em exposição na seção reservada aos operadores comerciais. A atividade e o entusiasmo tomaram conta do espaço, excedendo a expectativa dos organizadores: foram vendidos em torno de 14 mil títulos, quase um por cada pessoa presente na livraria.

O evento no Hall 33 fez parte do programa *Bolonha, Cidade de livros para crianças*, desenvolvido em colaboração com o Departamento de Cultura da Câmara Municipal de Bolonha. A cidade também abrigou dezenas de pequenos eventos, tornando-se um lugar acolhedor para crianças, jovens e suas famílias.

Premiações na Feira de Bolonha

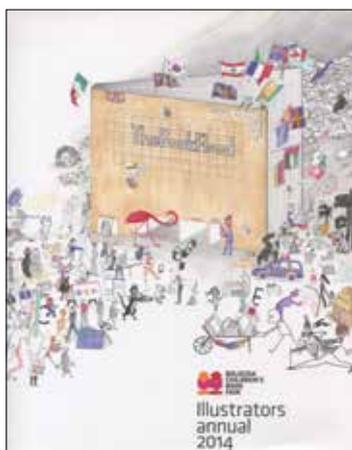
O *Prêmio Bologna Ragazzi* é um dos reconhecimentos de maior prestígio no setor. Os editores, que também participam da feira, apresentam as suas melhores produções, garantindo assim a qualidade excepcional dos candidatos. Este ano os vencedores das categorias foram:

Ficção - *Le Noël de Marguerite*, texto de India Desjardins, ilustrações de Pascal Blanchet. Editora La Pastèque, Montreal, Canada.

Não ficção - *Majn Alef Bejs*, texto de Jehozue Kamiński, ilustrações de Urszula Palusińska. Editora Zydowskie Stowarzyszenie Czulent (Czulent Jewish Association), Cracóvia, Polónia.

News Horizon - *La chica de polvo*, texto e ilustrações de Jung Yumi. Rey Naranjo Editores, Bogota, Colombia, produzido por Culture Platform, Seul, Coréia do Sul.

Opera Prima - *Halens Historie*, texto de Yulia Horst, ilustrações de Daria Rychkova. Editora Cappelen Damm, Oslo, Noruega.



Capa do catálogo *Illustrators Annual 2014*.



Exposição de ilustração da Feira de Livros de Bolonha.



O Prêmio BolognaRagazzi Digital, criado em 2011, destaca os aplicativos mais inovadores no mercado editorial de e-book e recebeu 258 inscrições de 137 editoras em 37 países este ano. Os vencedores e menções honrosas foram:

Ficção (vencedor) - *Love, The App*, desenvolvedor Niño Studio – Caba, Argentina; texto original de Lowell A. Siff, design e ilustrações de Gian Berto Vanni, adaptação digital de Gian Berto Vanni & Niño Studio.

Ficção (menção) - *Midnight Feast*, desenvolvedor Slap Happy Larry - Murrumbateman, Austrália; texto e ilustrações de Lynley Stace.

Ficção (menção) - *Jack and the Beanstalk*, desenvolvedor Nosy Crow - Londres, Reino Unido; texto de Nosy Crow, ilustrações de Ed Bryan.

Não ficção (vencedor) - *Pierre et le loup*, desenvolvedor Camera Lucida - Paris, França; direção de Gordon e Pierre-Emmanuel Lyet, ilustrações de Pierre-Emmanuel Lyet.

Não ficção (menção) - *ABC Actions*, desenvolvedor Peapod Labs LLC - Chicago, EUA; texto de Guillermo Krovblit, ilustrações de vários artistas.

Não ficção (menção) - *Double Double*, desenvolvedor Coral Gables, EUA / Caracas, Venezuela; texto e ilustrações de Menena Cottin.

O *Astrid Lindgren Memorial Award* – ALMA, é oferecido pelo governo sueco em honra da memória da escritora sueca Astrid Lindgren para escritores, ilustradores e projetos de promoção da leitura, e está na sua 11ª edição, tendo como prêmio o valor de 450 mil euros. O anúncio é feito durante a Feira de Bolonha, por meio de transmissão ao vivo da Suécia e a vencedora de 2014 foi Barbro Lindgren, escritora sueca.

O *Prêmio Internacional de Ilustração Feira de Bolonha-Fundação SM*, distinção lançada pela Feira de Bolonha e a Fundação SM em 2009, teve como ganhadora, na sua 5ª edição, a ilustradora portuguesa Catarina Sobral, que estava entre os 75 ilustradores na seleção final. O júri deste prêmio foi composto por Sophie Van Der Linden (França), Roger Mello (Brasil) e Pablo Nuñez (Espanha). Catarina recebeu 30 mil dólares, e também vai criar a capa do livro de imagens da Fundação SM que será apresentado na edição de 2015 da Feira de Bolonha, onde ela também terá uma exposição individual de seu trabalho.



Livraria para o público em geral no Hall 33.

Feira de Bolonha 2015

Para o próximo ano, os organizadores esperam uma edição ainda mais internacional, com a proximidade da Expo 2015, em Milão, que vai acontecer de 1º de maio a 31 de outubro, e terá a presença de 144 países, apresentando o tema *Expo - Alimentando o Planeta, energia para a vida*. A discussão sobre os problemas de nutrição e os recursos do nosso planeta também será representada na Feira de Bolonha por meio de publicações dos países participantes na Expo 2015, com destaque para as atividades visando o aumento da conscientização sobre esta questão crucial entre os jovens. A Feira de Bolonha 2015 vai se realizar de 30 de março a 2 de abril.

Iniciando uma nova década de presença na Feira de Bolonha, a FNLIJ, orgulhosa do trabalho de qualidade dos escritores e ilustradores brasileiros, convoca todos os segmentos do setor a se fazerem presentes na próxima edição da Feira de Bolonha, para prosseguir com a divulgação da LIJ brasileira no cenário internacional.



Pavilhão das exposições.

Assembleia Geral FNLIJ

Foi realizada no dia 6 de agosto a Assembleia Geral da FNLIJ no Auditório Machado de Assis, Biblioteca Nacional, às 15h, com a presença dos Conselhos Curador, Diretor, Fiscal, Consultivo, seus instituidores e Mantenedores.

A Presidente do Conselho Diretor, Ísis Valéria Gomes apresentou a pauta, que consistiu dos seguintes itens: 1. Atividades – Gestão 2011-2014; 2. Balanço de 2013; 3. 16º Salão FNLIJ; Eleição dos Conselhos Curador, Diretor, Fiscal e Consultivo para o triênio 2014-2017.

Entre as realizações da FNLIJ no último triênio, foram citadas as duas edições (2011 e 2013) da Feira Literária de São Bernardo do Campo, organizada pela prefeitura da cidade com coordenação da FNLIJ; o Encontro do IBBY de países Latino-americanos no Rio de Janeiro, em 2013, o primeiro realizado no Brasil, e os 40 anos da participação brasileira na Feira de Bolonha comemorados este ano, quando o país foi novamente o homenageado do evento.

A Secretária Geral, Elizabeth Serra, apresentou a composição da chapa para os Conselhos da FNLIJ no triênio 2014-2017 e os mantenedores presentes elegeram por aclamação os conselhos para mais um mandato de três anos. Após a Assembleia, foi realizado coquetel de confraternização, que contou também com a presença dos leitores visitantes da Fundação.



Apresentação do balanço da FNLIJ de 2013.



Wander Soares, Elizabeth Serra, Isis Valéria, Laura Sandroni e Marisa Borba.



FNLIJ

GESTÃO 2014/2017

Conselho Curador

Alfredo Gonçalves
Laura Sandroni
Renata Farhat Borges
Sílvia Negreiros
Wander Soares

Conselho Diretor

Ísis Valéria (Presidente)
Ana Lígia Medeiros
Marisa de Almeida Borba

Conselho Fiscal

Henrique Luz
Marcos da Veiga Pereira
Regina Lemos

Suplentes

Anna Maria Rennhack
Jorge Carneiro
Regina Bilac Pinto

Secretária Geral

Elizabeth D'Angelo Serra

Conselho Consultivo

Alfredo Weiszflog
Amir Piedade
Annete Baldi
Bernadete Boff
Bia Hetzel
Cristina Warth
Eduardo Portella

Eny Maia
Ione Meloni Nassar
José Alencar Mayrink
José Fernandes Ximenes
Leonardo Chianca
Lília Schwarcz
Lygia Bojunga
Maria Antonieta Antunes
Cunha
Mariana Zahar
Paulo Rocco
Sílvia Gandelman

2º Encontro de Votantes da FNLIJ

Após o sucesso do 1º Encontro dos Votantes em 2012, a FNLIJ conseguiu novamente reunir os leitores votantes da Seleção Anual FNLIJ, pela importância do debate entre os integrantes desse trabalho voluntário que premia a produção editorial de livros para crianças e jovens há 40 anos.

Os votantes se reuniram no Salão Portinari, do Palácio Capanema, centro do Rio de Janeiro, nos dias 7 e 8 de agosto. Recebidos pela Presidente do Conselho Diretor da FNLIJ Isis Valéria, eles assistiram e debateram as palestras *A importância do Prêmio FNLIJ: seus desdobramentos nas ações nacionais e internacionais da FNLIJ, como seção brasileira do IBBY* apresentada pela Secretária Geral Elizabeth Serra. Luiz Percival Britto, professor da Universidade Federal do Pará e votante, apresentou a palestra *A Literatura Infantil e Juvenil como expressão de Arte*, dando o enfoque que norteou as discussões do grupo.

Em seguida, os presentes foram divididos em grupos e analisaram sua contribuição dentro do processo seletivo do Prêmio FNLIJ.

O segundo dia iniciou-se com a visita à FNLIJ, onde aconteceu a 1ª Reunião da 41ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ 2015 – Produção 2014, uma oportunidade especial, uma vez que a maioria dos votantes vêm de outros estados. O grupo também recebeu convite para conhecer a Academia Brasileira e Letras, em uma visita guiada.

O 2º Encontro de Votantes da FNLIJ encerrou com o aprofundamento dos critérios de seleção, valorizando ainda mais o resultado final do processo que culmina com o Prêmio FNLIJ.

A FNLIJ aproveita para agradecer às editoras pelo envio dos cinco exemplares dos títulos lançados no ano, que também são enviados para a casa dos votantes, o que proporciona uma análise mais criteriosa de todos.

A FNLIJ também agradece imensamente, nesses 40 anos de Prêmio, a dedicação com que os votantes desempenham, de maneira voluntária, a leitura e análise de mais de mil títulos recebidos por ano.



Votantes da esquerda para direita, em pé: Isabel Maria de Carvalho, Vera Teixeira de Aguiar, Neide Medeiros, Margareth Mattos (PROALE), Sueli Cagneti, Marisa Borba, Eliane Debus, Fabíola Ribeiro Farias, Elizabeth Serra, Maria das Graças M. Castro, Isis Valéria, Maria Tereza Bonfim Pereira, Maria Neila Geaquinto, Maria de Lourdes, Tânia Piacentini. Abaixados: João Luis Ceccantini, Luiz Percival Leme Britto e Carlos Augusto Novais (CEALE).

movimento por um Brasil literário
m **B** *Brasil* *lit*

Acesse www.brasilliterario.org.br e saiba mais

Eu QUERO MINHA BIBLIOTECA

Acesse www.euquerominhabiblioteca.org.br

Conheça o nosso site:

Discurso de Roger Mello na cerimônia de entrega do Prêmio Hans Christian Andersen do IBBY Cidade do México no 34º Congresso Internacional do IBBY na Cidade do México em 10 setembro de 2014.

Roger Mello em vídeo onde fala sobre seus livros para a exposição *Roger Mello e seus jardins*, organizada pela FNLIJ, em comemoração ao Prêmio Hans Christian Andersen/IBBY de 2014.

Regulamento dos Concursos FNLIJ 2015



Vem aí:

17º Salão FNLIJ do livro para crianças e jovens!

Marque na agenda:

10 a 21 de junho de 2015

Centro de Convenções SulAmérica

Rio de Janeiro – RJ



FNLIJ | SEÇÃO BRASILEIRA DO INTERNATIONAL BOARD ON BOOK FOR YOUNG PEOPLE – iBBY

Mantenedores Abacate Editorial Ltda; Ação Social Claretiana; Artes e Ofícios Editora Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Autêntica Editora Ltda; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Callis Editora Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; CosacNaify Edições Ltda; Cuore Editora Ltda; Difusão Cultural do livro Ltda; Doble Informática Ltda; DSOP Educação Financeira Ltda; Edelbra Indústria Gráfica e Ed Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora Canguru; Editora Dedo de Prosa Ltda; Editora Dimensão Ltda; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora GHV Ltda; Editora Globo S/A; Editora Guanabara Koogan Ltda; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lafonte Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Alexandria Ltda; Editora Nova Fronteira Partic. S/A; Editora Original Ltda - EPP; Editora Paz e Terra Ltda; Editora Peirópolis Ltda; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Projeto Ltda; Editora Prumo Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Schwarcz Ltda; Elementar Public.e Edit. Ltda - ME; Florescer Livraria e Editora Ltda; Frase e Efeito e Editorial Ltda; Fund.Cult. Casa Lygia Bojunga; Geração Editorial Ltda; Girassol Brasil Edições Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Gráfica Editora Stamppe Ltda; Hedra Educação Ltda; Imperial Novo Milênio Gráfica e Ed.; Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Livros Studio Nobel Ltda; Manati Produções Editoriais Ltda; Marcos Pereira; Martins Editora Livraria Ltda; Mazza Edições Ltda; Meneghettis Gráfica e Editora Ltda; Ozé Editora Ltda EPP; Pallas Editora e Distribuidora Ltda; Pia Soc. Filhas de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo; Pinakothek Arte Ltda; PwC; Publibook Livros Papeis S/A L&PM; Publicação Mercuryo Novo Tempo; RHJ Livros Ltda; Rovel Edições e Com. de Livros Ltda; Salamandra Editorial Ltda; Saraiva S/A Livreiro e Editores Ltda; Sindicato Nacional dos Editores de Livros; Texto Editores Ltda – Leya; Verus Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda.

Expediente Editor: Elizabeth D'Angelo Serra; Jornalista: Cristina Bacelar; Projeto Gráfico e Diagramação: Estúdio Versalete; Impressão: PwC. **Gestão FNLIJ 2011-2014** Conselho Curador: Alfredo Gonçalves, Laura Sandroni, Silvia Negreiros e Wander Soares; Conselho Diretor: Ana Lígia Medeiros, Isis Valéria (Presidente) e Marisa de Almeida Borba; Conselho Fiscal: Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Terezinha Saraiva; Suplentes: Anna Maria Rennhack, Jorge Carneiro e Regina Bilac Pinto; Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Annete Baldi, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lília Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Paulo Rocco, Regina Lemos, Rogério Andrade Barbosa e Silvia Gandelman; Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Apoio



Singular e plural: Roger Mello e o livro ilustrado

A antiga coordenação da alma, do olhar e da mão [...] é típica do artesão, e é ela que encontramos sempre, onde quer que a arte de narrar seja praticada. – Walter Benjamin¹

Quem não guarda em suas memórias afetivas da infância um “causo” ouvido dos avós, uma história lida à noite pelos pais, um livro descoberto em segredo, o impacto de uma figura desenhada que ganhava vida na imaginação? Encantamo-nos com as narrativas orais, coletivas, e descortinamos um universo de significados ocultos nas imagens, desvelados em nosso íntimo, empregando um repertório progressiva e imperceptivelmente adquirido, somado às nossas próprias subjetividades, até que chegamos ao universo das letras. De início, elas são as “imagens das palavras”² ouvidas de um narrador/leitor mais experiente, identificadas em letreiros, rabiscadas como construção da identidade na grafia do próprio nome. Depois, um novo encanto surge, um universo de significados fixados em tinta sobre papel – ou em pixel sobre tela luminosa? – se desvela ao folhear as páginas de um objeto sedutor: o livro.

Especialmente no livro ilustrado, a fértil interação entre as narrativas verbais e visuais pode enriquecer ambas as linguagens, e talvez até mesmo contrapor-se à polêmica que relaciona o declínio das habilidades de leitura na infância à suposta hipertrofia da visualidade no mundo contemporâneo.

No contexto brasileiro da formação de leitores de palavras e imagens, que se dá fundamentalmente na infância,³ o contato com livros ilustrados que expressem nossas diversidade e miscigenação pode contribuir para ampliar repertórios e revigorar um senso de valorização pessoal e coletivo.

Dentre os muitos artistas contemporâneos que vêm contribuindo para a afirmação da autonomia artística da ilustração brasileira, Roger Mello é um dos mais destacados. Escritor, ilustrador, designer, dramaturgo, em seus livros ilustrados Roger integra elementos do imaginário brasileiro a referências artísticas universais, e reflete em sua trajetória particular uma questão pertinente a toda uma geração de artistas.

Seus interesses multimídia refletem-se na qualidade de seu trabalho, na desenvoltura com que transita por estilos pictóricos variados, deixando entrever a questão da miscigenação – traço característico da cultura brasileira, presente tanto nos temas que aborda quanto nas linguagens que emprega para representá-los. Além disso, Roger pesquisa e tece considerações críticas bastante pertinentes sobre seu ofício e questões a ele correlatas.⁴

Hoje se considera que um bom livro para crianças provoque um certo estranhamento, um desafio que as leve além da zona de conforto, um estímulo para seus sentidos e inteligência – como

faz, por exemplo, *Zubair e os labirintos*, uma obra inusitada e desafiadora, mas que desperta um profundo prazer estético em sua fruição, envolvendo o tato (desenrolar da capa, texturas do papel, manuseio no sentido oriental da leitura); a visão (ilustrações de cores impactantes, formas misteriosas); a evocação de imagens auditivas; a adesão simpática ao protagonista em suas descobertas, fugas, recolhimentos. As propostas artísticas de Roger Mello estão além das experiências rotineiras – seus livros, mesmo os que aparentam seguir modelos tradicionais e bem conhecidos dos leitores, trazem invariavelmente propostas provocativas.

Outra importante questão diz respeito à natureza do livro infantil que, numa concepção que ainda desperta polêmicos debates, vincula-se ao “doce e útil”: surgido como objeto pedagógico junto com a escola burguesa no século XVII, ressentido até hoje desta associação eminentemente utilitária que obscurece sua dimensão artística. Porém, de objeto utilitário, o livro infantil ilustrado assume cada vez mais a natureza de obra de arte, com a possibilidade de converter-se em objeto estético para os leitores – não apenas para crianças, como também para adultos.

Se a vida sem a arte continuaria possível, porém “mais cinzenta e algumas coisas não poderiam mais ser ditas”, como bem pondera o antropólogo Clifford Geertz,⁵ porque não oferecer às crianças e jovens a oportunidade de contato com formas diversificadas de arte? E como diz a premiada ilustradora tcheca Květa Pacovská, “as imagens de um livro ilustrado são a primeira galeria de arte que uma criança visita”.⁶

1. Modos de estar no mundo

A trajetória de vida de Roger Mello, entre pessoas e lugares variados, formou-lhe o gosto pelas viagens e por contar histórias para compartilhar suas multifacetadas visões de mundo, destacando-se a importância dos livros ilustrados entre seus muitos meios de expressão. Examinar a história pessoal de Roger, começando pelo ambiente doméstico, revela muito a respeito de seu modo de trabalhar e criar.

1.1 Brasília, o início de tudo

Roger nasceu em Brasília em 1965, o mais novo de três irmãos. Seus pais fizeram parte da geração de pioneiros na formação da nova capital, criada nos anos 1960 pelo presidente Juscelino Kubitschek.

Se hoje Roger declara querer ser “um generalista”,⁷ pode-se identificar as raízes deste interesse amplo em seus relatos sobre a infância. A natureza exuberante do cerrado, tão presente na cidade em sua fase de implantação, marcou fortemente o artista e se revela em inúmeros de seus trabalhos: “De alguma forma,

Brasília está na paleta de cores que uso e na multiplicidade de temas, por ter muitas culturas convivendo”.⁸

O menino Roger estava sempre às voltas com plantas e animais em suas incursões pelas redondezas. Acompanhado nos passeios por seu pai, Roger trazia na volta exemplares concretos ao mesmo tempo que impregnava seu “museu imaginário”⁹ com imagens dos ecossistemas.

Outra das experiências marcantes na infância de Roger Mello diz respeito à expressão criativa. Como parte do projeto urbanístico inovador implantado em Brasília, do qual participou Oscar Niemeyer, estavam as escolas de bairro. Com projeto pedagógico idealizado por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, estas escolas ofereciam, além do ensino tradicional, aquilo que Roger chama de “escola de criatividade”. Eram aulas em período diferenciado, nas quais todos os alunos eram incentivados a se expressar criativamente por vários meios:

Nós podíamos fazer qualquer coisa ali, a única coisa que não podíamos fazer era copiar. [...] Era legal essa filosofia, isso me afetou profundamente. Íamos para o lado de fora da sala, um monte de crianças, e elas [as professoras Bia e Zezé] diziam: “Agora quero que vocês desenhem o som que escutarem”. Aí, nossa! Fundia a cabeça da gente, não era como desenhar um grilo, tínhamos que nos virar, era o som. Destravava tudo.¹⁰

No entanto, o golpe militar de 1964 viria instaurar um regime de repressão e censura que contrastava com tal projeto pedagógico. A experiência do silêncio na infância e adolescência de Roger, durante os “anos de chumbo”, também teve efeito peculiar na sua leitura de mundo:

A gente não podia falar, não entendia por que as pessoas foram presas. Eu era criança na época, e falavam em leituras que eram proibidas e tal. O engraçado é que Brasília foi feita por um monte de socialistas e logo depois veio a contradição, que foi o golpe. E aí o que aconteceu? Acho interessante é que na obra – principalmente a obra de arte, a própria arquitetura do Niemeyer, de diversos artistas – os conceitos do Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, enfim, aquilo estava encruado. Então nós viramos um pouco, nessa fase silenciosa, uma cambada de leitores de imagens.

Muito deste clima pode ser percebido em seu livro de imagens *A pipa*, que mostra o contraste entre os cenários naturais amplos e multicoloridos, onde um personagem solta pipa, e a súbita intervenção de elementos hostis, em formas cheias de arestas e cores sombrias.

Os anos 1980, marcados pela retomada democrática, foram para Roger um momento de importantes escolhas profissionais. Motivado por seus interesses por plantas e animais, cursava Agronomia na Universidade de Brasília (UnB), mas não estava satisfeito com a faculdade. Com o apoio da família, Roger prestou novo vestibular, mudando de carreira e de cidade, uma mudança que seria definitiva em sua vida.

1.2 Rio de Janeiro: primeira estação para ganhar o Brasil

Depois de uma curta passagem pelo curso de Design da Faculdade da Cidade, Roger fez seu terceiro e definitivo vestibular, chegando à conceituada Escola Superior de Desenho Industrial da

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ESDI/UERJ), escola pioneira no ensino do design na América Latina.

Durante o curso, Roger estagiou por um ano na Zappin, empresa de Ziraldo, onde conheceu a também ilustradora Graça Lima. Tornaram-se grandes amigos e posteriormente sócios, juntamente com Mariana Massarani, criando a “Capa Dura em Cingapura”, empresa de nome bem-humorado em referência ao fato de, na época, os livros infantis mais bem acabados serem impressos na China. Anos mais tarde, a parceria frutificaria em um livro singular, criado a seis mãos, *Vizinho vizinha*.

Trabalhando desde os anos 1980 como ilustrador, Roger estreou como autor com a publicação de *A Flor do lado de lá* no início dos anos 1990. A estreia não poderia ser mais bem-vinda: recebeu o prêmio Altamente Recomendável da FNLIJ e continua a ser reeditado com regularidade, estando atualmente na 7ª edição, além de ter sido traduzido para o espanhol. Suas ilustrações, assim como as de seus livros seguintes *O gato Viriato* e *O próximo dinossauro*, faziam referência ao realismo figurativo do cânone tradicional e também ao cartum, até que a publicação de *Maria Teresa*, em 1997, veio assinalar uma nova fase em sua linguagem visual. A partir daí, sucederam-se vários livros com características inovadoras que vêm conferindo a Roger uma contínua e significativa premiação, culminando em 2014 no prêmio Hans Christian Andersen, do International Board on Books for Young People, ao qual Roger também concorrera em 2010 e 2012 por indicação da FNLIJ, seção brasileira do IBBY.

1.3 Passaporte carimbado

Depois da experiência de trabalho fixo na Zappin, Roger Mello optou por trabalhar como artista autônomo, dedicando-se a projetos em áreas tão variadas quanto design gráfico, ilustração, dramaturgia, animação, direção de arte cinematográfica; lidando com clientes e público de perfis também distintos. Esta vocação para a pluralidade e a inquietude são traços bastante característicos de sua personalidade, que se manifestam em constantes viagens pelos mais variados destinos, seja a trabalho, a passeio ou, mais frequentemente, uma combinação de ambos.

Estes deslocamentos pelo mundo fazem lembrar um dos dois tipos de narradores de que fala Walter Benjamin em *O narrador*. Benjamin tipifica os dois grupos arcaicos de narradores nas figuras do camponês sedentário e do marinheiro comerciante. Os dois grupos interpenetram-se no sistema corporativo medieval, quando “o mestre sedentário e o aprendiz migrante trabalhavam juntos na mesma oficina”, de modo que “se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres na arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram”.

É interessante observar que Roger integra em sua trajetória de vida e trabalho qualidades dos dois grupos, sendo ele próprio um artífice moderno: se “cada mestre tinha sido um aprendiz ambulante antes de se fixar em sua pátria ou no estrangeiro”,¹¹ Roger foi antes um aprendiz sedentário para, em seguida, depois de alcançada a maestria, tornar-se um viajante e recolher material para suas narrativas verbais e visuais. Um exemplo destas últimas é o livro *Desertos*, com registros visuais de uma viagem pelo Marrocos traçados sobre um “libro blanco”, em econômicos porém eloquentes desenhos a lápis em apenas cinco cores,

que posteriormente ganharam a companhia de poemas assinados por Roseana Murray.

2. Obras abertas¹²

A abertura e a ausência de explicações são traços marcantes nas obras de Roger Mello, como ele próprio enfatiza: “Não acho que as histórias querem ensinar alguma coisa, elas querem ser contadas ou lidas.” Esta recusa em ser didático vem ao encontro da importância conferida por Benjamin à qualidade de conselheiro que tem um narrador, esclarecendo que “aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada”.

Também a “faculdade de intercambiar experiências” que caracteriza um narrador é fundamental para Roger: “O interessante é propor: ‘Olha como nós podemos juntos explorar lugares impensáveis!’”, uma vez que, conforme Benjamin, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes”. O interlocutor ao qual Roger se dirige é aberto, múltiplo; não se consegue aprisionar seu público em uma categoria fixa:

Procuo fazer alguma coisa que me instigue e que instigue quem está participando disso, que é o leitor. Porém, na hora em que estou fazendo, não penso no leitor, por que não sei quem vai ler o texto. Escrever pensando num público preestabelecido seria como trair o leitor. Não posso pensar no receptor enquanto produzo! [...] não posso aprisionar, nem pensar no tema, ou na faixa etária do leitor na hora em que estou fazendo o livro, não dá! [...] porque no final o leitor é quem vai dizer o que pode ou não pode, o leitor é quem importa, ele vai mostrar qual é o limite.

Embora seja possível classificar muitos de seus livros como infantojuvenis por determinadas características formais,¹³ outras características intrínsecas, como a complexidade das temáticas, a abertura para leituras variadas, a sutileza das intertextualidades e intericonicidades fazem de seus livros obras muito atrativas também para os adultos:

Acredito que os temas não escolhem o público. Acredito que o público é quem escolhe seus livros. Um livro para crianças na verdade alcança uma faixa que também engloba os pequenos. [...] Quanto aos temas, acredito que eles sejam universais, e de interesse também das crianças.

Em tudo notamos em seus trabalhos a marca da originalidade e do desprendimento, muito embora o artista beba sem preconceitos da fonte do conhecimento tradicional: não lhe interessa negar nem defender bandeira alguma, pois toda ferramenta ou técnica é boa o bastante quando se presta à tarefa de bem contar uma história: “Aposto mesmo nesta ideia de que não existem gêneros puros, uma linguagem contamina a outra.”

3. A ilustração expandindo fronteiras

Durante toda a minha vida sempre viajei muito. [...] Sempre fui um desenhista compulsivo. Na verdade, sempre fui apaixonado por quadrinhos, gostava muito de livros e quadrinhos... Minha outra paixão são os bichos. Sempre gostei muito de bichos e da natureza em geral – as matas, o cerrado,

os mangues. Na época, mesmo morando em Brasília, ainda era possível visitar o cerrado. Nestes passeios, e mesmo na sala de aula, eu levava um caderno em que ilustrava o que via ou fazia histórias em quadrinhos.

Na idade adulta, Roger dirigiu suas energias criativas para o universo da arte, principalmente onde a narratividade é essencial: dramaturgia, literatura, ilustração, com incursões pelos quadrinhos e animação, passando também pelo design gráfico e direção de arte e roteiro cinematográficos.

Sempre gostei da narrativa, tanto a do texto quanto a proporcionada pela imagem. Nunca tive a pretensão de ser um artista plástico (se bem que as artes plásticas podem ter narrativas, mesmo que as pessoas recusem). O que adorava mesmo era contar histórias.

É interessante identificar, a partir da fala do artista, a qualidade narrativa da imagem como uma característica que distingue a ilustração no campo das artes visuais. Rui de Oliveira considera que, apesar da diluição das fronteiras entre os gêneros plásticos na arte contemporânea, é preciso ter em mente que entre a pintura e a ilustração há um “traço fronteiroço”, ainda que este não seja facilmente identificável.

Esta diluição das fronteiras entre os gêneros é bem evidente ao se examinar a linguagem visual que Roger emprega em seus livros ilustrados. Verifica-se que o artista transita por diferentes referências e estilos – das artes plásticas, da arte popular, dos quadrinhos. Seus primeiros trabalhos, como *A flor do lado de lá* e *O próximo dinossauro*, mostram o domínio dos códigos prescritos pelo ideal figurativo realista, dos quais ele vai progressivamente se libertando rumo à liberdade total com as formas, à liberdade cromática, à polifonia da perspectiva *naïf*, misturando técnicas à sua maneira em benefício da expressividade narrativa, uma vez que, como ele próprio declara, o que mais lhe interessa é contar histórias.

A partir de *Maria Teresa*, observa-se uma mudança marcante de vocabulário visual, com a incorporação e mistura de estilos variados, no que se poderia identificar uma característica pós-moderna. Ao afastar-se das convenções vigentes no mundo da ilustração de livros infantis da época (início dos anos 1990), Roger volta-se em primeiro lugar para a arte popular. De forte significado para o artista – seja por questões afetivas, ligadas às memórias da infância; seja por questões ideológicas, de expansão dos limites do conceito de arte – a cultura popular é uma das mais significativas referências incorporadas em seus livros.

Logo depois de *Maria Teresa*, outros dois livros formaram uma trilogia inspirada na cultura popular, especialmente nas festas e folguedos: *Bumba meu Boi Bumbá* e *Cavalladas de Pirenópolis*. O impacto e a acolhida destes livros foram tão positivos que, apesar de continuar interessado na cultura popular, Roger decidiu afastar-se temporariamente destas referências para não ficar rotulado como “folclorista”. Anos depois, este interesse voltaria a se manifestar em *Nau Catarineta*, uma festa popular brasileira inspirada na tradição do cancionário lusitano. Neste livro, além de objetos da arte popular (por exemplo, as tábuas votivas), há também referência a um artista ingênuo, Nhô Caboclo, cujas obras podem ser admiradas no Museu Casa do Pontal.



Claudia Mendes é designer gráfica, ex-pesquisadora bolsista na International Youth Library, Munique, atualmente em doutorado-sanduiche na Universidade de Cambridge, com bolsa da CAPES. Este texto é um resumo de sua dissertação de mestrado de mesmo título, apresentada em 2011 no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRJ.

Notas

- ¹ Benjamin, Walter. *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- ² Joly, Martine. Introdução à análise da imagem. *Campinas, SP: Papirus*, 2008. p.110.
- ³ *Idem*, p. 43.
- ⁴ Ver, por exemplo, em *Traço e prosa, de Rona Hanning, Odilon Moraes e Maurício Paraguassu*. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.
- ⁵ Geertz, Clifford. *A arte como sistema cultural*. In: *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 146.
- ⁶ Site da editora Cosac&Naify em <http://editora.cosacnaify.com.br/ObraApresentacao/11342/João--Maria.aspx>
- ⁷ *Entrevista a Claudia Mendes*. Rio de Janeiro, 2010.
- ⁸ *Entrevista a Alethea Muniz*. *Correio Braziliense*. Brasília, 10 abr. 2002, p. 27.
- ⁹ Ver Malraux, André. *O Museu imaginário*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- ¹⁰ *Entrevista a Teresa Kikuchi*. *Diário de bordo: uma viagem pelos desenhos de Roger Mello*. Trabalho de conclusão de curso. São Paulo: ECA/USP, 2003. p. 27-28.
- ¹¹ Benjamin, p. 199.
- ¹² Ver Eco, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968.
- ¹³ Por exemplo, tamanho grande, formato horizontal, ilustrações abundantes, pouco volume de texto composto em tipos grandes.

Ao produzir estas narrativas, Roger está longe de uma visão romantizada, de “resgate” ou preservação das manifestações folclóricas. Ao contrário, seu interesse é pela vida, pelos modos singulares e ao mesmo tempo universais como as coisas acontecem.

A ideia [...] é criar um vínculo através das histórias, mas não explicando – até porque não é possível explicar, nunca será possível explicar de uma maneira inteira. Na verdade, a ideia é provocar o caótico. Existem pessoas que vivem de maneira diferente, e coisas que são iguais em todas as crianças. Você não tem interesse pelo que lhe é alheio? Eu morro de interesse.

Além das referências à arte popular e aos artistas ingênuos, encontram-se em seus livros ilustrados muitas referências a vanguardas artísticas que, em seu tempo, promoveram rupturas importantes com as convenções então vigentes no mundo das artes plásticas. Se hoje estes movimentos já foram devidamente assimilados por este mundo, o mesmo não acontece com a ilustração, que não acompanha simultaneamente o desenvolvimento nas artes plásticas. Assim sendo, ao trazer para suas obras referências que representaram importantes inovações nas artes plásticas, Roger promove a renovação das convenções e a ampliação dos limites do livro ilustrado.

Roger faz combinações inusitadas na linguagem visual, recolhendo, processando e integrando referências variadas. Mescla referências da arte indígena, africana e da *op art* em *Bumba meu boi Bumbá*; transforma um personagem de cartum em personagem cubista em *O gato Viriato e Viriato e o leão*; faz uma viagem pelos estilos da arte universal em *Griso, o unicórnio*; emprega materiais que vão dos tradicionais lápis, tintas aquareladas e acrílicas em *Todo cuidado é pouco* à sucata, plástico e tinta industrial em *Meninos do mangue*. Seu desprendimento em relação às muitas convenções estabelecidas em torno do livro abrange também a construção deste objeto, bastante evidente nos projetos gráficos diferenciados de obras como *Zubair* e os labirintos e *Zoo*.

4. Para concluir

Walter Benjamin considera que a arte de narrar entra em declínio a partir do momento em que a experiência coletiva (*erfahrung*) das sociedades artesanais é suplantada pela experiência particular e privada, vivida individualmente (*erlebnis*), das sociedades industriais. Ao criar narrativas inspiradas na tradição oral e nas manifestações populares, e também ilustrá-las mesclando referências da arte popular, das vanguardas artísticas e da cultura de massa, Roger Mello revigora o repertório herdado da experiência tradicional e compartilha-o com as novas gerações empregando uma linguagem própria, autoral, como Ziraldo descrevera com precisão no texto de 4ª capa de *Maria Teresa*:

Roger é um autodidata. Aprendeu no ar. [...] Um anjo inquieto que sabe que suas mãos são um instrumento poderoso e competente, mas que é preciso preparar a alma para que as mãos correspondam. Ele a tem preparado, com cuidado e zelo, e vive – eu diria: inquieto – atrás de uma linguagem própria, de um estilo, de um caminho pessoal para a arte de um ilustrador que seja decididamente brasileira. Com este livro, Roger começa a desenhar para si mesmo este caminho e, quase certamente, um caminho para toda a ilustração de livros para criança no Brasil.

O caminho preconizado por Ziraldo de fato aconteceu. Roger Mello é hoje um artista reconhecido internacionalmente que, com extraordinário talento, singulariza em suas obras uma tendência de todo um grupo de ilustradores brasileiros contemporâneos, interessados em desenvolver uma linguagem visual autêntica – tendência que, por sua vez, particulariza uma tendência universal pela valorização do local face ao global, pela revisão dos limites entre popular e erudito e pela livre expressão da diversidade.



ENCARTE NOTÍCIAS 08 | AGOSTO 2014

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO
INFANTIL E JUVENIL

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra